A ORALIDADE COMO PONTE: O SABER-FAZER DAS QUITANDEIRAS CARIOCAS DO SÉCULO XIX

MEGEL, Mariana Thais
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná
megelmariana@gmail.com

As pesquisas históricas alimentares são pautadas, em princípio, pelo que a História compreende por 'fontes primárias' ou 'fontes históricas'. Em outras palavras, por aquilo que possibilita verificar a existência – ou não – de algo ou de alguém, nos recortes espaciais e temporais desejados pelo pesquisador ou pela pesquisadora. Dentre as possibilidades de fontes mais utilizadas em investigações acadêmicas, existem as textuais, sendo exemplos receituários e manuais de cozinhas, onde a escrita é o meio de perpetuação de uma técnica culinária ou de uma receita, conservando um saber-fazer através de textos. Contudo, ainda que de suma importância, as fontes textuais são insuficientes na construção de reflexos de comunidades constituídas pela oralidade, como é o caso das vendedoras de alimentos ambulantes e estacionárias do Rio de Janeiro oitocentista.

As quitandeiras brasileiras foram mulheres detentoras da memória viva de comerciantes africanas que, desde o século XVII, mercavam nas feiras, nas ruas e nos mercados da região centro-ocidental da África (Pantoja, 2000). Através do movimento migratório compulsório de pessoas que se tornaram escravizadas nos trânsitos transatlânticos, o ofício das quitandas foi traduzido em diversos estados brasileiros, como Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. Aqui, a segunda capital brasileira será o cenário da expressão do saber-fazer das mercadoras no século XIX, demonstrando a oralidade como a ponte que conectou as tecnologias alimentares africanas e brasileiras na continuidade deste ofício.

Amadou Hampâté Bâ, no prólogo de seu livro "Amkoullel, o menino fula", descreveu a precisão da oralidade para quem não poderia se apoiar na escrita para salvaguardar saberes:

> É que a memória das pessoas da minha geração, sobretudo a dos povos de tradição oral, que não podiam apoiar-se na escrita, é de uma fidelidade e de uma precisão prodigiosas. Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como em cera virgem. (Bâ, 2003, p.13)

O escritor malinês, ainda que não redigindo sobre as quitandeiras, permite anexar a este artigo uma lacuna da História da Alimentação: a validação da oralidade como meio de perpetuação de saberes-fazeres que atravessam séculos e oceanos, quando outras fontes e outros autores foram privilegiados na constituição do campo historiográfico. Dessa forma, o acesso ao reflexo das quitandeiras do Rio de Janeiro do século XIX se torna parcial, porque é atravessado pela percepção hegemônica branca sobre mulheres negras escravizadas, escravizadas ao ganho e livres.

Contudo, o objetivo deste trabalho é, justamente, evidenciar as redes de sociabilidade e de tecnologias alimentares que foram desenvolvidas por estas mulheres, ainda que em uma sociedade racista edificada pela branquitude. Para tanto, as já mencionadas fontes textuais serão utilizadas, assim como as iconográficas, considerando os espaços de entrelinhas deixadas por cada uma delas. Logo, a fim de questionar tais omissões, a História Social da Alimentação será o método proposto na investigação, já que suas bases partem da Decolonialidade e do questionamento da Branquitude (Megel, 2025, p.7-8).

Quanto as fontes, dois autores europeus serão anexados, Henry Chamberlain e Jean-Baptiste Debret, que estiveram no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX, em diferentes intervalos temporais. Apesar de reconhecidos por suas iconografias, ambos descreviam suas pinturas, sendo essas descrições valiosas para a expansão das interpretações possíveis de suas cenas, que englobam o cotidiano das quitandeiras cariocas oitocentistas.

Assim, a primeira obra a ser apresentada é “Uma barraca de mercado”, do aquarelista amador Henry Chamberlain, datada de 1822. A imagem tem por cenário a Praça da Lapa, um dos locais de mercância das vendedoras de alimentos no Rio de Janeiro, que poderiam mercar de maneira ambulante ou estacionária na cidade. Nela, a barraca da quitandeira representa a segunda opção de ofício, quando um ponto fixo era eleito para as vendas. Apesar de inerte, muitas eram as pessoas que circulavam no entorno da barraca, espaço que é descrito de maneira pejorativa por Chamberlain como “[...] o ponto de reunião dos negros indolentes e tagarelas, vendo-se aquí alguns dêstes entregues à sua inclinação natural de escutar a conversa dos outros” (Chamberlain, 1943, p.103).

Quanto à Jean-Baptiste Debret, o artista francês pintou inúmeras cenas do cotidiano carioca, incluindo as quitandeiras como protagonistas dessa sociedade. Aqui, “Negras vendedoras de angu” e “Negras vendedoras de sonhos, manoé e aluá”, produzidas em 1835, serão analisadas.

Em “Negras vendedoras de angu”, Debret descreve outro ponto de mercância das quitandeiras cariocas, o Mercado do Peixe. A cena remonta o preparo de angu, que tem por base de preparação a farinha de mandioca ou de milho cozida em água, podendo ser acrescido de diferentes ingredientes. Na longa passagem que descreve a imagem, o artista francês destaca que o alimento era comprado pelos “[...] operários escravos que não são alimentados por seus senhores” e que “acrescentando a esse prato suculento algumas bananas tem-se, no Rio de Janeiro, alimento para cinco ou seis pessoas” (Debret, 1940, p.229). Mais uma vez, o redor dos caldeirões de angu permitia a sociabilidade daqueles e daquelas que eram constantemente retaliados pela sociedade escravista brasileira do século XIX.

Já em “Negras vendedoras de sonhos, manoé e aluá”, Debret comenta sobre a bebida aluá e o bolo manuê, descrevendo o preparo cuidadoso de cada um dos alimentos, que também eram mercados pelas quitandeiras no Rio de Janeiro. Além de promoverem a socialização de angústias, revoltas e anseios, as quitandeiras transpassavam o seu saber-fazer entre si, já que precisavam deter conhecimentos sobre estratégias de compra e venda de comidas; sobre o preparo e a conservação dos produtos que mercavam; e sobre as legislações que atravessavam seus cotidianos de trabalho, como o pagamento de impostos e a aquisição de licenças de mercancia.

Logo, a oralidade aludida por Hampâté Bâ foi o meio que permitiu as traduções e as adaptações do ofício das quitandeiras em dois diferentes continentes profundamente conectados, sendo a ponte do saber-fazer da quitanda. Nas limitações da historiografia há, contudo, a ausência de documentações específicas que atestem tal deslocamento intelectual pela oralidade, mas através das fontes primárias existentes é possível traçar a concretização desta hipótese.

Assim, entre Henry Chamberlain e Jean-Baptiste Debret, vestígios da tradição oral despontam nas entrelinhas, seja pela aparição de diferentes quitandeiras, em diferentes estágios de vida, mercando juntas e dialogando entre si e com demais pessoas, ou pela sabedoria das singularidades do preparo de cada alimento, como no “caldeirão portátil” que coze o angu ou no transporte do bolo manuê entre toalhas para manter o seu aquecimento.

Palavras-chave: oralidade; quitandeiras; saber-fazer.

REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampâté (1901-1991). **Amkoullel, o menino fula**. Tradução de Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Palas Athena, 2003.

CHAMBERLAIN, Henry (1796-1843). **Vistas e costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro em 1819-1820**. Tradução de Rubens Borba de Moraes. Rio Janeiro: Livraria Kosmos, 1943. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/227375. Acesso em: 16 jul. 2024.

DEBRET, Jean Baptiste (1768-1848). **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Livraria Martins, 1940, v.I, p.337. Disponível em: https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/singlepage/index.php?pubcod=10014150&pa rte=1. Acesso em: 16 jul. 2024.

HENRY CHAMBERLAIN. **A market stall**. 1822. Gravura. Água-tinta e aquarela sobre papel. 26,0 x 36,7cm. Acervo Coleção Brasiliana Itaú. Disponível em: https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/18502/a-market-stall. Acesso em: 16 dez. 2024.

JEAN-BAPTISTE DEBRET. **Negresses marchandes, de sonhos, manoé, aloá**. 1835. Gravura. Litografia. 31,0 x 49,0cm. Museu Imperial/Ibram/Minc. Disponível em: https://artsandculture.google.com/asset/afro-brazilians-selling-sonhos-manu%C3%AA alu%C3%A1/4gGxsb96jkUG5Q?hl=pt-br. Acesso em: 23 dez. 2024.

JEAN-BAPTISTE DEBRET. **Negresses marchandes d'angou**. 1835. Gravura. Litografia. 29,7 x 23,7cm. Acervo Digital da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin. 93 Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3744?locale=en. Acesso em: 23 dez. 2024.

MEGEL, Mariana Thais. **Quitandeiras, colonialidade e branquitude**: uma história social da alimentação no Rio de Janeiro (século XIX). 113 f. 2025. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2025. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/95514. Acesso em: 7 abr. 2025.

PANTOJA, Selma. Conexões e Identidades de Gênero no caso Brasil e Angola, Séculos XVIII-XIX. In: X Congresso Internacional Cultura, Poder e Tecnologia: África e Ásia Face à Globalização, 2000, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: 2000. Disponível em: https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/. Acesso em: 06 fev. 2024.